

ARTE E MEMÓRIA NA AÇÃO CULTURAL DE COLETIVOS TERESINENSES

Data de aceite: 03/08/2023

Kary Emanuelle Reis Coimbra

Professora no Curso de Administração
(UFPI-CSHNB) Doutora em Políticas
Públicas (PPGPP-UFPI)

RESUMO: Entendendo a cidade como um espaço de múltiplas representações, em um movimento de construção social, histórica e cultural, neste trabalho temos como objetivo apreender os principais discursos envolvidos na ocupação do espaço público pela ação cultural de coletivos de arte na cidade de Teresina, capital do estado nordestino Piauí. Entre os coletivos atuantes na cidade, selecionamos como objeto de estudo os Coletivos Salve Rainha e Ocuparte, sobre os quais realizamos uma análise documental e discursiva de publicações em portais jornalísticos locais e nas mídias sociais dos Coletivos. A pesquisa revelou que os discursos mais evidentes na prática social dos grupos foram: a) resgate da memória de lugares da cidade e a cidade como lugar de memórias; b) valorização do espaço público da cidade e de seus patrimônios; e c) transformação social pela arte.

PALAVRAS-CHAVE: Coletivos. Ação. Discurso como Prática Social. Arte.

Memória.

ABSTRACT: Understanding the city as a space of multiple representations, in a social, historical and cultural construction movement, in this work we aim to apprehend the main discourses involved in the public space occupation by cultural action of art collectives in city of Teresina, capital of the northeastern state Piauí. Among the active collectives, we selected Salve Rainha and Ocuparte Collectives as object of study for a documentary and discursive analysis of local journalistic portals publications and the Collectives social media. The research revealed that most evident discourses by the groups social practices were: a) rescue of the memory of places in the city and the city as a place of memories; b) valorization of the city's public space and its assets; and c) social transformation through art.

KEYWORDS: Collectives. Action. Discourse as a Social Practice. Art. Memory.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho temos como objetivo apreender os principais discursos envolvidos na ocupação do espaço público pela ação cultural de coletivos de arte na cidade de

Teresina, Piauí. Para Fairclough (2016), o discurso diz respeito ao uso da linguagem como prática social, o que implica um modo de ação – a forma pela qual pessoas agem sobre o mundo e sobre os/as outros/as – e um modo de representação, de modo que há uma relação dialética entre as práticas e as estruturas sociais. Assim, ao tomarmos a ação de coletivos juvenis em Teresina, questionamos: que elementos da vida cotidiana e das relações sociais esses grupos querem fazer ver, vivenciar, significar e rememorar?

Para Ana Fani Carlos, “a cidade, enquanto realização humana, é um fazer-se ininterrupto” (CARLOS, 2008, p. 67). Na contemporaneidade, a despeito dos vários questionamentos levantados no âmbito da sociabilidade urbana, nos concentramos na investigação da ação coletiva de grupos juvenis na cidade. Como apontado por Sposito (1993), espaços públicos, mais especificamente a *rua*, configuram espaços para a construção de identidades coletivas e o desenvolvimento de sociabilidades diversas entre jovens, sobretudo os/as oriundos/as de zonas periféricas das cidades.

A propósito da questão da juventude, teorias contemporâneas¹ vêm compreendendo a categoria em sua heterogeneidade, por meio das distintas formas como jovens constroem suas histórias, seus gostos, desejos, modos de pensar, extrapolando tanto a universalidade do termo juventude, no singular, quanto a limitação desta categoria a uma determinada faixa etária e a uma fase da vida (PINTO; BONFIM, 2016; TRANCOSO; OLIVEIRA, 2014; MESQUITA *et al.*, 2016). É nesse cenário que se dá o caráter plural da categoria juventude, considerando, assim, que existem várias e distintas juventudes, compreendendo a condição juvenil como uma relação dialética entre sociedade e juventudes (GROPPO, 2010).

Para além dos processos econômicos e sociais decorrentes nos vários espaços da cidade, existem ainda as representações que se constroem na e sobre a cidade por seus habitantes. Os estudos sobre história cultural urbana buscam o resgate dos discursos, imagens e práticas sociais de representação da cidade. “O imaginário urbano, como todo o imaginário, diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações construídas sobre a realidade – no caso, a cidade” (PESAVENTO, 2007, p. 15). Sodré (2008, p. 49) reforça o fato de que a cidade pode ser visualizada para além de seus aspectos produtivo, comercial e funcional, e vista como “um lugar de experimentação da alteridade no interior do qual subjetividades, criadoras ou não, podem ser geradas, um espaço, portanto, onde importantes processos comunicativos e subjetivos acontecem”.

Seguindo a abordagem metodológica qualitativa, com foco na compreensão aprofundada dos grupos sociais e suas trajetórias, possibilitando, ainda, o entendimento

1 No âmbito da sociologia moderna, Groppo (2011) destaca que, a partir dos anos 1970, novas concepções sobre a categoria juventude colocaram em xeque os modelos sociológicos clássicos, assentados: a) no funcionalismo, entendendo a rebeldia como uma disfunção social; e b) no modelo de moratória social como um período no curso da vida destinado a experimentações antes de se chegar à adultez. Essas novas concepções apontam que, muito mais que uma fase da vida, a juventude contempla estilos de vida, “uma parte da vida humana que constitui uma identidade cultural própria” (GROPPO, 2011, p. 14).

sobre a práxis política dos sujeitos e dos textos múltiplos produzidos no âmbito de um espaço social (GOLDENBERG, 2004; DENZIN; LINCOLN, 2006), realizamos um estudo exploratório² sobre a produção discursiva dos Coletivos Salve Rainha e Ocuparte, em função de suas ações envolvendo o uso de espaços públicos, ambos desde o ano de 2014. O trabalho apresenta uma análise discursiva, na perspectiva de Norman Fairclough, das práticas sociais dos dois coletivos. Foram analisadas as publicações dos grupos em suas mídias sociais, além de entrevistas dos idealizadores publicadas em portais jornalísticos locais.

AÇÃO E DISCURSO: PRÁTICAS SOCIAIS COTIDIANAS

Para a filósofa Hannah Arendt (2007), nossa inserção no mundo acontece pela ação e pelo discurso, onde os homens podem mostrar quem são e quais suas identidades pessoais e singulares. Partindo do pensamento aristotélico, Arendt destaca sua concepção de *zoon politikon* em que o homem é, por natureza, um ser político e social. A ação é a atividade política por excelência; agir corresponde a uma iniciativa, a um movimento, que, por sua vez, remete ao sujeito que age. Arendt afirma, portanto, que a ação e o discurso representam o modo como os homens manifestam duas identidades pessoais e singulares, o como se inserem no mundo.

Sem o discurso, a ação deixaria de ser ação, pois não haveria ator; e o ator, o agente do ato, só é possível se for, ao mesmo tempo, o autor das palavras. A ação que ele inicia é humanamente revelada através de palavras; e, embora o ato possa ser percebido em sua manifestação física bruta, sem o acompanhamento verbal, só se torna relevante através da palavra falada na qual o autor se identifica, anuncia o que fez, faz e pretende fazer (ARENDR, 2007, p. 191)

Fairclough (2001, p. 91) conceitua o próprio discurso como “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”. Aqui a linguagem assume função identitária, relacional e ideacional, onde “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significado do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”. Para o autor, a prática discursiva contribui para a reprodução de identidades e relações sociais, sistemas de conhecimento e crenças na sociedade, tanto quanto para sua transformação. Nesse sentido, a prática social orientada pela ordem política empenha-se na manutenção ou modificação das relações de poder, enquanto a prática social de cunho ideológico mantém ou modifica significações de mundo.

Martinelli (1999) destaca a necessidade de, mais do que investigar as diferenças entre as práticas sociais, cabe questionar as circunstâncias que as articulam, no sentido

² Apresenta análises iniciais de pesquisa de doutoramento da autora junto ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí, sobre a interface da produção artística de coletivos culturais e a dinâmica urbana na cidade de Teresina.

de perceber suas singularidades, reconhecendo a participação dos sujeitos na construção social – construção esta que é coletiva. Dessa forma, as práticas sociais surgem como construções eminentemente sócio-políticas, históricas e culturais, isto é, “o ser social é um ser político e histórico, assim, desvendar essa construção passa por esse trânsito entre a forma de ser e a forma de aparecer, passa pelo político, pelo histórico, pelo social” (MARTINELLI, 1999, p. 14).

Arendt frisa, ainda, que, em função de uma pluralidade, os homens fazem uso da ação humana e do discurso para manifestarem as diferenças uns dos outros e que, portanto, a alteridade é fundamental na compreensão deste processo. Como produto, “a ação cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história” (ARENDR, 2007 p. 16). Paulo Freire também destaca a ação e o discurso dentro das características do ser social, que modifica a sociedade pela construção social e histórica, mediante interrelações permeadas por campos de poder.

Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos (...) A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade de meu *eu*. (...) A experiência histórica, política, cultural e social os homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem” do conflito entre ‘as forças que obstaculizam a busca da *assunção* de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção. A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância (FREIRE, 1996, p. 18 – grifos do autor)

Ao descrever aspectos da cotidianidade, Agnes Heller (1970) elucida que a vida cotidiana se encontra no centro do acontecer histórico, é a vida do indivíduo – este que é, simultaneamente, ser particular e ser genérico – cujo funcionamento se dá a partir de seus sentidos, sentimentos, paixões, ideias. Para Heller (1970), a arte e a ciência não estão separadas do pensamento cotidiano. De modo semelhante, na análise da sociedade brasileira, Ianni (1999) compreende que as artes e as ciências sociais representam uma manifestação de nossa cultura, cuja preocupação está perpetrada pelos problemas sociais básicos. As manifestações culturais, em suas distintas formas, revelam aspectos da identidade desses indivíduos e também de suas necessidades.

A CIDADE SOB O OLHAR DA ARTE E DA MEMÓRIA

Sandra Pesavento apresenta a concepção de cidade como o produto da ação do homem sobre a natureza, onde o urbano é uma obra (re)construída pelo homem através do pensamento e da ação. Essa construção é permeada por uma sociabilidade entre atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos “que registram uma ação social de domínio e

transformação de um espaço natural no tempo” (PESAVENTO, 2007 p. 14). Isto é, a cidade é uma “realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas” (CARLOS, 2008, p. 57).

Sant’anna, Marcondes e Miranda (2017, p. 825) destacam o fenômeno da insurgência recente de movimentos nas cidades brasileiras engendrados por “uma narrativa em que performances e instalações vêm ganhando espaço dentro e fora das instituições como formas de atuação política, num crescente processo de artificação da esfera pública e politização da arte”. Entre esses fenômenos urbanos podemos destacar a ação dos Coletivos que, segundo Rosas (2005, p. 30 – grifos do autor) acontece fora de espaços intitucionalizados que não se utilizam do estético como fim, mas como meio e, ao tomar espaços como a rua, o objetivo não paira sob o aspecto de “transformar esses lugares e coisas em ‘Arte’³, mas diluir-se ‘com arte’ neles, ressignificando-os, ressimbolizando-os, efetuando uma transformação subjetiva ou real, semiótica, mitopoiética, social ou ritual”. Nessa perspectiva se formaram os Coletivos Ocuparte e Salve Rainha, ambos no ano de 2014. O Coletivo Ocuparte foi idealizado pela artista visual, mestra em Antropologia e arte educadora, Luciana Leite (TV O DIA, 2014); e o Salve Rainha, idealizado pelo jornalista e gastrônomo Francisco das Chagas Júnior (*in memorian*) (MEIO NORTE, 2014).

O Coletivo Ocuparte já possui em seu nome a proposta central do grupo: ocupar através da arte. Em sua página do Facebook⁴ consta a descrição: “*arte, cidade, memória ... a ocupação foi decretada!*”⁵, na qual fica explícita a concepção da cidade como lugar de memórias e a arte como metodologia para as intervenções. Entre os diversos locais ocupados, as intervenções acontecem a partir da confecção e/ou exposição de quadros, ilustrações, fotografias, esculturas, oficinas de pintura, conto de histórias, produção de grafite, projeções e apresentações musicais da (PORTAL 180 GRAUS, 2014). A Figura 1 ilustra uma das ocupações do grupo.

3 O autor diferencia as concepções de Arte com “A” maiúsculo e “a” minúsculo, sendo a primeira relacionada à produção institucionalizada, fruto de uma validação da produção enquanto tal; a segunda concepção não segue uma padronização, acontecem em espaços diversos e questionam o “circuito exposição-público-mercado” (ROSAS, 2005, p. 29).

4 Disponível em: <https://www.facebook.com/salverainhacafe/>

5 Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupARTHE>



Figura 1 – Cartaz de divulgação de evento do Coletivo Ocuparte (2015) e imagem da construção original do Mercado Central, no século XIX

Fonte: disponível no Instagram do Coletivo Ocuparte/ Semplan (2018)

Na figura, à esquerda, vemos um cartaz de divulgação de evento do Coletivo, no ano de 2015, em que se destaca parte da programação cultural, que envolve atividades artísticas. Os dizeres *Ocupa Mercado Velho* se relacionam com a imagem ao fundo do cartaz, representando o Mercado São José ou Mercado Central de Teresina, popularmente conhecido como Mercado Velho. Segundo dados da Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação (SEMPPLAN, 2018), o Mercado Central é o mais antigo centro comercial da cidade, construído no ano de 1860. A palavra *velho* faz referência ao que tem propriedades de ser antigo, não novo, e que, portanto, se relacionam história(s) e memória(s). Ao destacarem o nome popular do Mercado, é possível perceber a concretude da proposta do Coletivo no sentido da valorização de espaços históricos em suas práticas. À direita da figura é possível visualizar a estrutura arquitetônica original do prédio do Mercado, que passou por reformas para restauração (PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA, 2017)

Com uma proposta similar, o Coletivo Salve Rainha também atua na ocupação de espaços públicos na cidade de Teresina, mediante a viabilização de diversos produtos e serviços culturais. Em sua página do Facebook, autodenomina-se como “*uma tecnologia social de valorização do patrimônio cultural de Teresina*”. Os eventos, organizados em temporadas, viabilizam produtos e serviços culturais como música, artes plásticas, projeções audiovisuais, exposições, fotografias, instalações, bazares, oficinas, literatura, cinema e vídeo, artesanato, gastronomia, rodas de discussão, entre outros. Na Figura 2, membros do Coletivo Salve Rainha apresentam a divulgação da Temporada intitulada “Rainha dos Tempos”, no ano de 2017. A foto, editada de forma evidenciar elementos de um tempo passado, tem, ao fundo, a fachada da Igreja Nossa Senhora das Dores, localizada na Praça Saraiva, no centro histórico da cidade.



Figura 2 – Coletivo Salve Rainha em prédio do centro histórico da cidade.

Fonte: Fotografia de João Albert (2017). Disponível no Instagram do Coletivo Salve Rainha.

Fica evidente na autodescrição dos dois Coletivos a intencionalidade da ação, revelando o caráter não neutro da prática social. Resende e Ramalho (2011, p. 15) ressaltam que “nas práticas sociais, a linguagem se manifesta como discurso: como uma parte irredutível das maneiras como agimos e interagimos, representamos e identificamos a nós mesmos, aos outros e a aspectos do mundo por meio da linguagem”. Nesse sentido, a ocupação de lugares é escolhida intencionalmente, com o intuito de iluminar esses espaços enquanto lugares de memória. Nas palavras de Le Goff (1990, p.13), isto representa “a noção de duração, de tempo vivido, de tempos múltiplos e relativos, de tempos subjetivos ou simbólicos. O tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da *memória*, que atravessa a história e a alimenta”.

O Salve Rainha é uma tecnologia social de valorização do **patrimônio** cultural. E a gente acontece de forma itinerante, em vários espaços que tão **esquecidos** ou tratados de forma negligenciada na cidade. Vir pra debaixo da ponte veio pra gente **chamar atenção** pro rio, também pra obra da ponte, que já tá paralisada faz um tempo, e também é uma maneira do **teresinense se apropriar** de espaços urbanos que tão aqui, esquecidos, e a gente **provocar essa memória coletiva** (Francisco das Chagas, em entrevista ao Canal Legislativo PI, 2015).

Escolhemos dessa vez o Mercado Central para **chamar a atenção** tanto para o descaso que existe com o prédio como para a reforma inviável que está acontecendo. Essa reforma deveria ser uma revitalização do espaço, já que a arquitetura original está sendo destruída. Então queremos chamar a atenção da **comunidade, da sociedade e do poder público** para esse mercado que faz parte da nossa **memória**, e uma cidade sem memória não tem história e não tem vida. Queremos fazer com que as pessoas percebam a importância de respeitar e valorizar a nossa cultura. Quanto mais movimentos culturais, melhor (Luciana Leite, em entrevista à Revista Capital Teresina, 2015).

Entre os discursos dos idealizadores dos grupos, fica explícita a relação da ação com a cidade que, ao *chamar atenção*, reivindicam o olhar da sociedade em geral e também da gestão municipal para tais espaços. Sobre a relação da arte com ações voltadas para a transformação da realidade social, Purper (2015, p. 132) pontua que “refletir sobre a realidade configura a elaboração de um pensamento em termos de política, pois o artista necessariamente deve estar comprometido em problematizar acontecimentos do contexto da realidade e esta atitude é, essencialmente, política”.

Fazer o *teresinense se apropriar* dos espaços torna a ocupação dos sujeitos uma prática que adquire característica do valor de uso das cidades (LEFEBVRE, 2008; RIBEIRO; SIMÃO, 2014), incentivando sentidos de pertencimento e, ao mesmo tempo, de valorização dos espaços, construídos social e historicamente, pois “cuidar do patrimônio, tangível e intangível, é fundamental para a memória e a identidade dos agrupamentos humanos” (RUBIM, 2017, p. 17). Esta aproximação promovida pela ação dos Coletivos se dá em função do que, para Riscado (2018), diz respeito à ausência de identificação dos sujeitos nativos em relação aos lugares da cidade e seus centros históricos, principalmente diante das revitalizações e da cidade sob a ótica do valor de troca e do turismo.

Le Goff (1990) afirma que a memória é um elemento fundamental na busca pela constituição de identidades individuais e coletivas. As memórias coletivas, entretanto, também podem ser acionadas politicamente, como instrumento e objeto de poder, servindo de modo distinto a interesses de grupos sociais diversos. Daí a consideração do autor de que “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1990, p. 250).

A prática dos Coletivos visa a iluminar, no presente, espaços na cidade que retratam, em suas estruturas, elementos que referenciam ao passado, num hibridismo de tempos que se interconectam pela memória e pela (re)significação destes espaços. Sendo as cidades lugares de memória (NORA, 1997), a ação cultural dos coletivos imprime na cidade, portanto, a construção social de uma memória coletiva e uma identidade social (POLLAK, 1992). Para Simson (2003, p. 16), o ato de reconstruir a memória de forma compartilhada reestabelece “sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos porque [está] alicerçada numa bagagem cultural comum – e talvez por isso, conduza à ação”. É nessa análise do presente que é possível a reconstrução de vivências e experiências pretéritas e criação de bases para ações futuras.

Além dos aspectos relacionados à memória da cidade, da valorização dos patrimônios e do uso dos espaços públicos, os membros dos Coletivos incorporam o papel de agentes produtores de cultura local. Rubim (2017) destaca a importância de criadores, inventores e inovadores do campo da cultura, formado por artistas, cientistas ou mestres de cultura popular. A utilização da arte como mediadora das sociabilidades entre artistas e

público flui num movimento de aproximação e onde os elementos políticos constituintes das práticas também são levados ao público. Para Carasso (2012, p. 22), a arte configura-se como uma ação humana vertical e, portanto:

a ação artística passa essencialmente por uma prática, por uma atividade pessoal e/ ou coletiva que permita a cada um se confrontar com as restrições da formalização de uma ideia, de uma emoção, de um sentido simbólico (...) A ação artística é, portanto, a organização concreta dessas possibilidades de agir, de experimentar a atividade artística. A ação cultural é de outra natureza; seu objetivo principal é desenvolver a cultura dos indivíduos, ou seja, sua relação com as ideias, as formas, os símbolos, as obras.

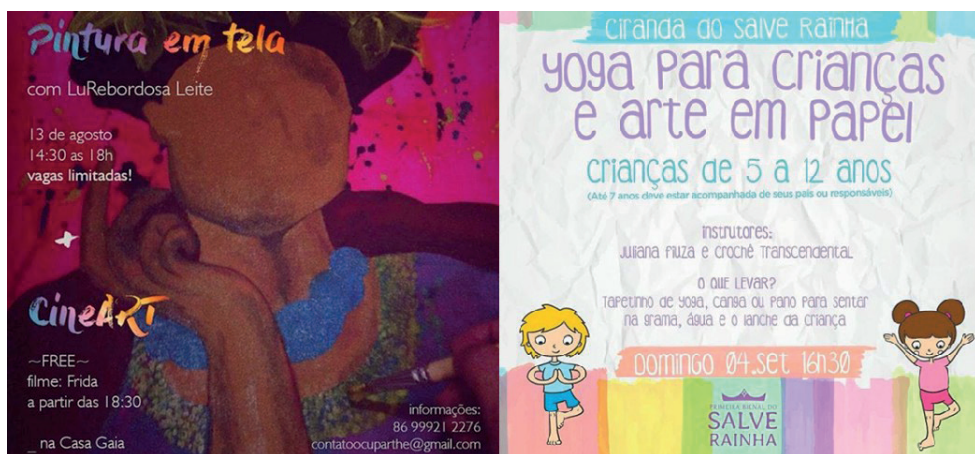


Figura 3 – Oficinas de arte dos Coletivos

Fonte: imagem disponível nos perfis do Instagram @ocuparthe e @salverainhacafe

Luciana Leite, em entrevista à TV O Dia (2014), relatou sobre a primeira ocupação do grupo, que ocorreu na Rua Firmino Pires, localizada no centro da cidade de Teresina, ladeada pelo Museu do Piauí e pelo Mercado Central da cidade, popularmente conhecida como “Rua dos Pássaros”, assim chamada pela livre comercialização desses animais no local.

Usamos a instalação 'Fora da gaiola voa', com cada artista trazendo sua concepção de como nos sentimos **presos pela sociedade moderna** – tem gaiola com coração, cédulas de dinheiro, etiquetas e fios de carregadores de celular... A ocupação começa desde o momento da montagem. Não fazemos montagem prévia, pois queremos montar com **as pessoas vendo e perguntando o que está acontecendo**. Esse é um momento muito importante, quando lidamos com o público (Luciana Leite, em entrevista ao portal Capital Teresina, 2015).

Segundo Luciana, a naturalização do comércio de animais foi problematizada, principalmente pelo caráter de entre-lugar incorporado pelos transeuntes, que ali apenas

passam, não vivenciam, tampouco questionam a realidade dada. Nesta ocupação, ação do Coletivo levou ao local gaiolas customizadas por artistas locais, levantando questionamentos não apenas acerca do aprisionamento de animais, mas também sobre os próprios aprisionamentos humanos resultantes das inovações sociais em nossa cotidianidade. A obra aparece, ainda, não como produto – finalizado, disponível para observação, mas, dentro de uma perspectiva de construção, via interrelação artista e público.

Em entrevista à TV Meio Norte (2014), Francisco das Chagas destacou que “Teresina **precisa** de ações que **socializem o artista com o público**”. Em seu discurso, pontua a necessidade do agir em prol da cultura local a fim de proporcionar uma sociabilidade entre artistas e cidadãos. Essa aproximação se daria em espaços que viabilizariam “encontros entre arte e vida, estética e política e entre artista e sociedade” (AMARAL, 2018, p. 179), elucidando que a arte pode ser vista como práxis e à práxis artística compete a transformação social motivada pela necessidade humana de expressão e comunicação (VÁZQUEZ, 1977). Nesse sentido, as práticas sociais dos Coletivos Ocuparte e Salve Rainha são imbuídas de um fazer artístico e político, conectando com a cidade e seus habitantes por meio da arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é resultado de uma pesquisa documental exploratória, de caráter qualitativo, acerca dos principais discursos envolvidos na ocupação do espaço público pela ação cultural de coletivos de arte na cidade de Teresina, capital do estado nordestino Piauí. Os coletivos Ocuparte e Salve Rainha, ambos surgidos no ano de 2014, com a proposta de fazer uso do espaço público para problematizar temáticas sociais, envolvendo a arte como linguagem de suas práticas sociais. Os Coletivos promovem eventos culturais com música, artes cênicas, literatura, fotografia, cinema e vídeo, artes plásticas e artes gráficas, folclore e artesanato, entre outras expressões artísticas. Os principais discursos que consubstanciam a ação dos grupos foram: a) resgate da memória de lugares da cidade e a cidade como lugar de memórias; b) valorização do espaço público da cidade e de seus patrimônios; e c) transformação social pela arte.

Como dito por Fairclough (2016), a prática social segue orientações econômicas, políticas, culturais e ideológicas. O discurso como prática política significa, portanto, o estabelecimento, a manutenção ou a transformação de relações sociais de poder e as entidades coletivas. Nesse ínterim, as práticas sociais políticas dos Coletivos estão voltadas para a conscientização urbana, a (re)significação e a valorização do espaço público da cidade de Teresina pelos próprios habitantes. Com isso, os projetos cumprem finalidade social, incentivando maior participação da sociedade na vida pública urbana, entendendo a cidade em seu valor de uso, como espaço de sociabilidades. Incorporam, assim, o papel de agentes culturais, em uma perspectiva não estatal, e fortalecem o acesso às mais

diversas manifestações de arte e cultura pela comunidade; enquanto agentes culturais, os coletivos, “exercita[m] a cidadania cultural e os direitos culturais, por meio de suas atitudes e atividades (...) comprometido[s] com a luta por uma cultura cidadã” (RUBIM, 2017, p. 23).

É preciso reiterar que manifestações culturais não estatais fortalecem aspectos como diversidade e democracia da política cultural cidadina. A (re)significação dos lugares por meio da utilização de espaços históricos inutilizados ou mesmo abandonados na cidade proporciona o contato de pessoas com elementos do patrimônio cultural e histórico de Teresina, principalmente o público jovem, em um exercício de preservação da memória cultural da sociedade teresinense.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. A rua é o museu: cartografias da memória em contexto urbano ibero-americano contemporâneo. In.: TOJO, J. M.; AMARAL, L. (Orgs). **Rede de Redes** [recurso eletrônico] – diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil. São Paulo, 2018. ARENDT, H. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CARASSO, J.G. Ação Cultural, Ação Artística. **Sala Preta**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 18-23, jun 2012.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 1994.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GROPPO, Luís Antonio. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes, **Última Década** n. 33, p. 11-26, dez. 2010.

IANNI, O. **A sociologia da sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1999. LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. 3ª reimpressão. UFMG, 2008.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MARTINELLI, M. L. Seminários sobre metodologias qualitativas de pesquisa. In: MARTINELLI, M. L. (Org). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras Editora, 1999.

NORA, P. **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1997.

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jul. 2007.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200- 212, 1992.

PINTO, E. de C.; BONFIM, M. do C. A. do. Vivências, sociabilidades e cultura juvenil em movimentos alternativos de Teresina-PI. In: LUZ, Lila Cristina Xavier; ADAD, S. J. H. Costa; SILVA, V. **Juventudes rurais e urbanas: territórios, culturas, sociabilidades e identidades**. Teresina: Edufpi, 2016.

PURPER, R. Ação artística de caráter político: intersecções possíveis entre realidade, real e teatralidade nas experiências do Coletivo Mapas e Hipertextos **Rascunhos Uberlândia**, v. 2, n. 2, p. 131-139, jul./dez., 2015.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. de M. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas, SP : Pontes Editores, 2011.

RIBEIRO, C. R.; SIMÃO, M. C. R. Relações e contradições: direito à cidade e patrimônio urbano. In: ENCONTRO DA ANPARQ, 3., 2014, São Paulo. **Anais...** Campinas: PUC, 2014, p. 2-12.

RISCADO, J. E. Patrimônio e cidade: uma análise sobre os centros históricos brasileiros em tempos de reestruturação urbana. **MÉTIS: história & cultura**, v. 17, n. 33, p. 293-306, jan./jun. 2018.

RUBIM, A. A. C. **Agentes culturais: delimitações e contextos de atuação**. Salvador: RUMBIM-UFBA, 2017.

SANT'ANNA, S. M. P.; MARCONDES, G.; MIRANDA, A. C. F. A. Arte e política: a consolidação da arte como agente na esfera pública. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v.07, n.03, p. 825–849, dezembro, 2017.

SIMSON, O. R. M. V. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Revista Acadêmica**, v, n.6, p. 14-18, 2003.

SODRÉ, R. f. **Tintas nos muros: um estudo sobre a produção de grafite no Rio de Janeiro**. 2008. 242 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 161-178, 1993.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da praxis**. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 2. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

Páginas da internet consultadas

CAPITAL TERESINA. **Ocuparte leva cultura e manifestação ao Mercado Velho**. Publicado em 19 set 2015. Disponível em: <<http://www.capitalteresina.com.br/noticias/cultura/ocuparte-leva-cultura-e-manifestacao-ao-mercado-velho-32151.html>>. Acesso em 21 out 2018.

LEGISLATIVO PI. **Salve Rainha ocupa espaços urbanos em Teresina**. Publicado em 04 mai 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Hi1G4MewR6o>>. Acesso em 20 out 2018.

MEIO NORTE. **Conheça o projeto Salve Rainha Café Sobrenatural**. Publicado em 11 nov 2014. Disponível em:

<<https://www.meionorte.com/blogs/baphon/conheca-o-projeto-salve-rainha-cafe-sobrenatural-308194>>

PORTAL 180 GRAUS. **Ocuparte ganha as ruas de Teresina.** Publicado em 28 mai 2014. Disponível em: <<https://180graus.com/artes-visuais/ocuparte-ganha-as-ruas-de-teresina>>. Acesso em 23 out 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. **Reforma do Mercado Central inclui espaço para exposições e atrativo turístico.** Publicado em 21 dez 2017. Disponível em: <<http://www.portalpmt.teresina.pi.gov.br/noticia/Reforma-do-Mercado-Central-inclui-espaco-para-exposicoes-e-atrativo-turistico/16921>>. Acesso em 02 nov 2018.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO (SEMPLAM).

Teresina - Perfil dos Bairros. Regional SDU Centro Norte. Bairro Centro. Prefeitura Municipal de Teresina. Publicado em ago 2018. Disponível em: <<http://semplan.teresina.pi.gov.br/wp-content/uploads/sites/39/2018/08/CENTRO-2018.pdf>>

TV O DIA. **Projeto Ocuparte leva arte e cultura a locais públicos de Teresina.** Publicado em 29 ago 2014. Disponível em: <<https://www.portalodia.com/tvodia/art-gente/projeto-ocuparte-leva-arte-e-cultura-a-locais-publicos-de-teresina-1623.html>>. Acesso em 20 out 2018.